



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de História

Disciplina: História Contemporânea

Prof. Luiz Arnaut

Textos e documentos

Contratados (1959).....	2	Espera (Crônica do ghetto, 1973).....	12
O húmus do homem novo.....	2	O sol nasce a oriente.....	12
Aforismo (1968).....	2	Antigamente era (1951).....	13
Prótese bucal.....	3	Confiança.....	13
(Babalaze das hienas, 1997).....	3	Lá no horizonte (Poemas, 1961).....	13
A boca.....	3	O choro de África (Poemas, 1961).....	14
(Babalaze das hienas, 1997).....	3	Quintandeira (Sagrada esperança).....	14
Moçambiquicida.....	3	Voz do sangue.....	15
(Babalaze das hienas, 1997).....	3	(A renúncia impossível).....	15
Reza, Maria (1. versão).....	3	Contratados (Sagrada esperança).....	15
Makezú (Poemas, 1961).....	3	Aspiração (Sagrada esperança).....	16
A sombra das galeras (Poesia, 1961).....	4	Consciencialização.....	16
Carta (Poesia, 1961).....	4	(Sagrada esperança).....	16
No temporal da revolução.....	5	Civilização ocidental.....	16
(Do tempo suspenso, 1998).....	5	(Sagrada esperança).....	16
Que é São Tomé.....	5	Adeus à hora da largada.....	16
Onde estão os homens caçados neste vento de loucura (1958).....	6	(Sagrada esperança).....	16
Carta dum Contratado.....	6	Poema á Mãe Angolana.....	17
Castigo pro' comboio malandro.....	7	Angolano.....	17
(Poemas, 1961).....	7	Limites dos Sete Cantos da Cidade de S. Filipe de Benguela.....	17
Declaração (1953).....	7	Quando a manhã vier.....	18
Monangamba (Poemas, 1961).....	7	Museu (A onda, 1973).....	19
Moçambicanto 1.....	8	Rapariga.....	19
Presença africana.....	8	(Sabores, Odores & Sonho, 1985).....	19
Noite.....	9	Os Monangambas.....	19
Prelúdio.....	9	Regresso.....	19
“Regresso”.....	9	Sonho de mãe negra.....	20
“Rumo”.....	10	A pátria dividida (A pátria dividida, 1993).....	20
Canção da angonia.....	10	Cantos do meu país.....	20
Serviçais.....	11	(Um novo amanhecer, 1996).....	20
(Poetas de S. Tomé e Príncipe, 1963).....	11	Coração em África (1967).....	20
Socopé (1963).....	11	As raízes do nosso amor.....	22
Vós que ocupais a nossa terra.....	11	Dia de Chuva no Mato.....	22
(Poetas de S. Tomé e Príncipe, 1963).....	11	Lamento da Maricota.....	22
Caminho longe.....	11	Não venhas mais ao cais, Menina Negra.....	23
(12 poemas de circunstância, 1965).....	11	Ode à Avó Capinha.....	23
História.....	12	Poema para a Negra.....	24
De asas sob a terra.....	12	N'gola - Flor de Bronze.....	24
África (1972).....	12	Canção para Luanda.....	24

*Contratados (1959)*

Costa Andrade  
(Angola)

A hora do sol posto  
as rolas traçam  
desenhos de feitiços sinuosos

caminhos sob a calma das mulembas

e abraços de segredos e silêncios.

...longe... muito longe  
um risco brando  
acorda os ecos dos quissanjes  
vermelho como o fogo das queimadas  
com imagens de mucuisses e luar.

Canções que os velhos cantam  
murmurando.

e nos homens cansados de lembrar  
a distância vai calando mágoas.

renasce em cada braço  
a força de um segredo entendimento.

Uma Negra Convertida  
Mário António (Angola)  
Minha avó negra, de panos escuros,  
da cor do carvão...  
Minha avó negra de panos escuros  
que nunca mais deixou...

Andas de luto,  
toda és tristeza...  
Heroína de ideias,

rompeste com a velha tradição  
dos cazumbis, dos quimbandas...

Não xinguilas, no obito.  
Tuas mãos de dedos encarquilhados,  
tuas mãos calosas da enxada,  
tuas mãos que preparam mimos da Nossa Terra,  
quitabas e quifufutilas - ,  
tuas mãos, ora tranquilas,  
desfilam as contas gastas de um rosário já  
velho...

Teus olhos perderam o brilho;  
e da tua mocidade  
só te ficou a saudade  
e um colar de missangas...

Avózinha,  
as vezes, ouço vozes que te segredam  
saudades da tua velha sanzala,  
da cubata onde nasceste,  
das algazaras dos óbitos,  
das tentadoras mentiras do quimbanda,  
dos sonhos de alambamento  
que supunhas merecer...  
E penso que... se pudesses,  
talvez revivesses  
as velhas tradições!

*O húmus do homem novo*

Juvenal Bucuane  
(Moçambique)

*A Cláudio, meu filho*

Não quero que vejas  
nem sintas  
a dor que me amargura;

Não quero que vejas  
nem virtas  
as lágrimas do meu pranto.  
Deixa que eu chore  
as mágoas e as desilusões;  
deixa que eu deambule;  
deixa que eu pise  
a calidez do chão desta terra  
e o regue até com o meu suor;  
deixa que me toste  
sob este sol inóspito  
que me dardeja o lombo sempre arqueado...  
Este penar  
é o resgate da esperança  
que em ti alço!  
Este penar  
é a certeza do amanhã que vislumbro  
na tua ainda incipiente idade!  
Não quero que vejas  
nem sintas  
o meu tormento  
ele é o húmus do Homem Novo.

*Aforismo (1968)*

José Craveirinha  
(Moçambique)

Havia uma formiga  
compartilhando comigo o isolamento  
e comendo juntos.

Estávamos iguais  
com duas diferenças:

Não era interrogada  
e por descuido podiam pisa-la.

Mas aos dois intencionalmente  
podiam por-nos de rastos

mas não podiam  
ajoelhar-nos.

*Prótese bucal*  
(Babalaze das hienas, 1997)

José Craveirinha  
(Moçambique)

Insolente  
desalegria do riso  
em patético mau senso de humor

e da sardónica dentadura alvar  
ao bel-prazer das lâminas  
que lhe desbeçaram  
a boca.

*A boca*  
(Babalaze das hienas, 1997)

José Craveirinha  
(Moçambique)

Jucunda boca  
deslabiada a ferozes  
júbilos de lâmina  
afiada.

Alva dentadura  
antónima do riso  
às escâncaras desde a cilada.

Exotismo de povo flagelado  
esse atroz formato  
da fala.

*Moçambiquicida*  
(Babalaze das hienas, 1997)

José Craveirinha  
(Moçambique)

Das incursões bem sucedidas aos povoados  
sobressaem na paisagem as patrícias  
sacarinas capulanas de fumaça  
e uma fervura de cinco  
tabuadas e uns onze  
- ou talvez só dez -  
cadernos e um giz  
espólio das escolas destruídas.

Sobrevivos moçambiquicidas  
imolam-se mesclados  
no infuturo.

*Reza, Maria (1. versão)*

José Craveirinha  
(Moçambique)

Suam no trabalho as curvadas bestas  
e não são bestas  
são homens, Maria!

Corre-se a pontapés os cães na fome dos ossos  
e não são cães  
são seres humanos, Maria!

Feras matam velhos, mulheres e crianças  
e não são feras, são homens  
e os velhos, as mulheres e as crianças  
são os nossos pais  
nossas irmãs e nossos filhos, Maria!

Crias morrem á míngua de pão  
vermes na rua estendem a mão a caridade  
e nem crias nem vermes são  
mas aleijados meninos sem casa, Maria!

Do ódio e da guerra dos homens  
das mães e das filhas violadas  
das crianças mortas de anemia  
e de todos os que apodrecem nos calabouços  
cresce no mundo o girassol da esperança

Ah! Maria  
põe as mãos e reza.  
Pelos homens todos  
e negros de toda a parte  
põe as mãos  
e reza, Maria!

*Makezú (Poemas, 1961)*

Viriato da Cruz  
(Angola)

- "Kuakiè!!!... Makèzú, Makèzú..."

.....  
O pregão da avó Ximinha  
É mesmo como os seus panos,  
Já não tem a cor berrante  
Que tinha nos outros anos.

Avó Xima está velhinha,  
Mas de manhã, manhãzinha,  
Pede licença ao reumático  
E num passo nada prático  
Rasga estradinhas na areia...

Lá vai para um cajueiro  
Que se levanta altaneiro  
No cruzeiro dos caminhos  
Das gentes que vão p'a Baixa.

Nem criados, nem pedreiros  
Nem alegres lavadeiras  
Dessa nova geração  
Das "venidas de alcatrão"  
Ouvem o fraco pregão

Da velhinha quitandeira.

- “Kuakiè... Makèzú... Makèzú...”  
 - “Antão, véia, hoje nada?”  
 - “Nada, mano Filisberto...  
 Hoje os tempo tá mudado...”

- “Mas tá passá gente perto...  
 Como é aqui tás fazendo isso?”

- “Não sabe?! Todo esse povo  
 Pegó um costume novo  
 Qui diz qué civrização:  
 Come só pão com chouriço  
 Ou toma café com pão...”

E diz ainda pru cima  
 (Hum... mbundo kène muxima...)  
 Qui o nosso bom makèzú  
 É pra veios como tu”.

- “Eles não sabe o que diz...  
 Pru qué qui vivi filiz  
 E tem cem ano eu e tu?”

- “É praquê nossas raiz  
 Tem força do makèzú!...”

### *A sombra das galeras (Poesia, 1961)*

Alexandre Dáskalos  
 (Angola)

Ah! Angola, Angola, os teus filhos escravos  
 nas galeras correram as rotas do Mundo.  
 Sangrentos os pés, por pedregosos trilhos  
 vinham do sertão, lá do sertão, lá bem do fundo  
 vergados ao peso das cargas enormes...  
 Chegavam às praias de areias argêntas  
 que se dão ao Sol ao abraço do mar...  
 ... Que longa noite se perde na distância!

As cargas enormes

os corpos disformes.

Na praia, a febre, a sede, a morte, a ânsia  
 de ali descansar

Ah! As galeras! As galeras!

Espreitam o teu sono tão pesado  
 prostrado do torpor em que mal te arqueias.  
 Depois, apenas pestanejam as estrelas,  
 o suplício de arrastar dessas correias.

Escravo! Escravo!

O mar irado, a morte, a fome,  
 A vida... a terra... o lar... tudo distante.  
 De tão distante, tudo tão presente, presente  
 como na floresta à noite, ao longe, o brilho  
 duma fogueira acesa, ardendo no teu corpo  
 que de tão sentido, já não sente.

A América é bem teu filho  
 arrancado à força do teu ventre.

Depois outros destinos dos homens, outros  
 rumos...

Angola vais na sede da conquista.  
 Hoje no entrechoque das civilizações antigas  
 essa figura primitiva se levanta  
 simples e altiva.

O seu cântico vem de longe e canta  
 ausências tristes de gerações passadas e  
 cativas.

E onde vão seus rumos? Onde vão seus  
 passos?

Ah! Vem, vem numa força hercúlea  
 gritar para os espaços  
 como os dardos do Sol ao Sol da vida  
 no vigor que em ti próprio reverberas:

- Não sou cativo!

A minha alma é livre, é livre  
 enfim!

Liberto, liberto, vivo...

Mais... porque esperas?  
 Ah! Mata, mata no teu sangue  
 o pressâgio da sombra das galeras!

### *Carta (Poesia, 1961)*

Alexandre Dáskalos  
 (Angola)

Jesus Cristo Jesus Cristo  
 Jesus Cristo, meu irmão  
 Sou fio dos pais da terra  
 Tenho corpo p'ra sofrer  
 Boca para gritar  
 E comer o que comer  
 Os meus pés que vão  
 No chão  
 Minhas mãos são de trabalho  
 Em coisas que eu não sei  
 E não tenho nem apalpo  
 Trabalho que fica feito  
 Para o branco me dizer  
 "Obra de preto sem jeito"  
 E minha cubata ficou  
 Aberta à chuva e ao vento  
 Vivo ali tão nu e pobre  
 Magrinho como o pirão  
 Meus fios saltam na rua  
 Joga o rapa sai ladrão  
 Preto ladrão sem imposto  
 Leva porrada nas mãos  
 Vai na rusga trabalhar  
 Se é da terra vai para o mar  
 Larga a lavra deixa os bois  
 Morre os bois... e depois?  
 Se é caçador de palanca  
 Se é caçador de leão  
 Isso não faz mal nenhum  
 Lança as redes no mar  
 Não sai leão sai atum...  
 Jesus Cristo Jesus Cristo  
 Jesus Cristo meu irmão  
 Sou fio dos pais da terra

Um pouco de coração  
De coração e perdão  
Jesus Cristo meu irmão.

*No temporal da revolução  
(Do tempo suspenso, 1998)*

Alexandre Dáskalos  
(Angola)

No temporal da revolução  
os baús de enxovais  
preciosos  
das raparigas casadoiras  
nafragaram.  
Ainda hoje me consolo  
com as leituras de Marx.  
E, no entanto,  
perdi meu enxoval.

*Que é São Tomé*

Alexandre Dáskalos  
(Angola)

Quatro anos de contrato  
com vinte anos de roça.

Cabelo rapado  
blusa de branco  
dinheiro no bolso  
calção e boné

Eu foi São Tomé!

Calção e boné  
boné e calção  
cabelo rapado  
dinheiro na mão...

Agora então volto

mas volto outra vez  
à terra que é nossa.  
Acabou-se o contrato  
dos anos na roça

Eu vi São Tomé!

Cuidado com o branco  
que anda por lá...  
Não sejas roubado  
cuidado! cuidado!  
Dinheiro de roça  
ganhaste-o. Té dá  
galinhas... e bois...  
e terras... Depois  
já tiras de graça  
o milho da fuba,  
o leite, a jinguba  
e bebes cachaça.

Eh! Vai descansado,  
dinheiro guardado  
no bolso da blusa.

Que é São Tomé?

Cabelo rapado  
blusa de branco  
dinheiro no bolso  
calção e boné.

II

Este mente, aquele mente  
outro mente... tudo igual.  
O sítio da minha embala  
aonde fica afinal?

A terra que é nossa cheira  
e pelo cheiro se sente.

A minha boca não fala

a língua da minha gente.

Com vinte anos de contrato  
nas roças de São Tomé  
só fiz quatro.

Voltei à terra que é minha.  
É minha? É ou não é?

Vai a rusga, passa a rusga  
em noites de fim do mundo.

Quem não ficou apanhado?  
Vai o sono, vem o sono  
vai o sono  
quero ficar acordado.  
No meio da outra gente  
lá ia naquela corda  
mas acordei de repente.

Quero ficar acordado.

Onde está o meu dinheiro,  
onde está o meu calção  
meu calção e meu boné?  
O meu dinheiro arranjado  
nas roças de São Tomé?

Vou comprar com o dinheiro  
sagrado da minha mãe  
tudo quanto a gente come:  
trinta vacas de fome,  
galinhas... de papelão.

Vou trabalhar nesta lavra  
em terra que dizem nossa  
quatro anos de contrato  
em vinte anos de roça.

Eu foi São Tomé!

Cabelo rapado

blusa de branco  
dinheiro no bolso  
calção e boné.

Aiuéé!

*Onde estão os homens caçados neste  
vento de loucura (1958)*

Alda do Espírito Santo  
(S. Tomé e Príncipe)

O sangue caindo em gotas na terra  
homens morrendo no mato  
e o sangue caindo, caindo...  
Fernão Dias para sempre na história  
da Ilha Verde, rubra de sangue,  
dos homens tombados  
na arena imensa do cais.  
Aí o cais, o sangue, os homens,  
os grilhões, os golpes das pancadas  
a soarem, a soarem, a soarem  
caindo no silêncio das vidas tombadas  
dos gritos, dos uivos de dor  
dos homens que não são homens,  
na mão dos verdugos sem nome.  
Zé Mulato, na história do cais  
baleando homens no silêncio  
do tombar dos corpos.  
Aí, Zé Mulato, Zé Mulato.  
As vítimas clamam vingança  
O mar, o mar de Fernão Dias  
engolindo vidas humanas  
está rubro de sangue.  
- Nós estamos de pé -  
Nossos olhos se viram para ti.  
Nossas vidas enterradas  
nos campos da morte,  
os homens do cinco de Fevereiro  
os homens caídos na estufa da morte  
clamando piedade  
gritando p'la vida,  
mortos sem ar e sem água

levantam-se todos  
da vala comum  
e de pé no coro de justiça  
clamam vingança...  
... Os corpos tombados no mato,  
as casas, as casas dos homens  
destruídas na voragem  
do fogo incendiário,  
as vias queimadas,  
erguem o coro insólito de justiça  
clamando vingança.  
E vós todos carrascos  
e vós todos algozes  
sentados nos bancos dos réus:  
- Que fizeste do meu povo?...  
- Que respondeis?  
- Onde está o meu povo?..  
E eu respondo no silêncio  
das vozes erguidas  
clamando justiça...  
Um a um, todos em fila...  
Para vós, carrascos,  
o perdão não tem nome.  
A justiça vai soar,  
E o sangue das vidas caídas  
nos matos da morte  
ensopando a terra  
num silêncio de arrepios  
vai fecundar a terra,  
clamando justiça.  
É a chamada da humanidade  
cantando a esperança  
num mundo sem peias  
onde a liberdade  
é a pátria dos homens...

*Carta dum Contratado*

António Jacinto  
(Angola)

Eu queria escrever-te uma carta  
Amor,

Uma carta que dissesse  
Deste anseio  
De te ver  
Deste receio  
De te perder  
Deste mais que bem querer que sinto  
Deste mal indefinido que me persegue  
Desta saudade a que vivo todo entregue...

Eu queria escrever-te uma carta  
Amor,  
Uma carta de confidências íntimas,  
Uma carta de lembranças de ti,  
De ti  
Dos teus lábios vermelhos como tacula  
Dos teus cabelos negros como diloa  
Dos teus olhos doces como macongue  
Dos teus seios duros como maboque  
Do teu andar de onça  
E dos teus carinhos  
Que maiores não encontrei por ai...

Eu queria escrever-te uma carta  
Amor,  
Que recordasse nossos dias na capopa  
Nossas noites perdidas no capim  
Que recordasse a sombra que nos caia dos  
jambos  
O luar que se coava das palmeiras sem fim  
Que recordasse a loucura  
Da nossa paixão  
E a amargura da nossa separação...

Eu queria escrever-te uma carta  
Amor,  
Que a não lesses sem suspirar  
Que a escondesses de papai Bombo  
Que a sonegasses a mamãe Kiesa  
Que a relesses sem a frieza  
Do esquecimento  
Uma carta que em todo o Kilombo  
Outra a ela não tivesse merecimento...



Eu queria escrever-te uma carta  
 Amor,  
 Uma carta que ta levasse o vento que passa  
 Uma carta que os cajus e cafeeiros  
 Que as hienas e palancas que os jacarés e  
 bagres  
 Pudessem entender  
 Para que se o vento a perdesse no caminho  
 Os bichos e plantas  
 Compadecidos de nosso pungente sofrer  
 De canto em canto  
 De lamento em lamento  
 De farfalhar em farfalhar  
 Te levassem puras e quentes  
 As palavras ardentes  
 As palavras magoadas da minha carta  
 Que eu queria escrever-te amor

Eu queria escrever-te uma carta...

Mas, ah, meu amor, eu não sei compreender  
 Por que é, por que é, por que é, meu bem  
 Que tu não sabes ler  
 E eu - Oh! Desespero! - não sei escrever  
 também!

*Castigo pro' comboio malandro*  
 (Poemas, 1961)

António Jacinto  
 (Angola)

Esse comboio malandro  
 passa  
 passa sempre com a força dele  
 ué ué ué  
 hii hii hii  
 te-quem-tem te-que-tem te-quem-tem

o comboio malandro  
 passa

Nas janelas muita gente  
 ai bo viaje  
 adeujo homéé  
 n'ganas bonitas  
 quitadeiras de lenço encarnado  
 levam cana no Luanda pra vender

hii hii hii

aquele vagon de grades tem bois  
 múu múu múu  
 tem outro  
 igual como este de bois  
 leva gente,  
 muita gente como eu  
 cheio de poeira  
 gente triste como os bois  
 gente que vai no contrato

Tem bois que morre no viaje  
 mas o preto não morre  
 canta como é criança  
 "Mulonde iá késsua uádibalé  
 uádibalé uádibalé..."

esse comboio malandro  
 sòzinho na estrada de ferro  
 passa  
 passa  
 sem respeito  
 ué ué ué  
 com muito fumo na trás  
 hii hii hii  
 te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem

*Declaração (1953)*

António Jacinto  
 (Angola)

As aves, como voam livremente  
 num voar de desafio!  
 Eu te escrevo, meu amor,

num escrever de libertação.

Tantas, tantas coisas comigo  
 adentro do coração  
 que só escrevendo as liberto  
 destas grades sem limitação.  
 Que não se frustre o sentimento  
 de o guardar em segredo  
 como liones, correm as águas do rio!  
 corram límpidos amores sem medo.

Ei-lo que to apresento  
 puro e simples - o amor  
 que vive e cresce ao momento  
 em que fecunda cada flor.

O meu escrever-te é  
 realização de cada instante  
 germine a semente, e rompa o fruto  
 da Mãe-Terra fertilizante.

*Monangamba (Poemas, 1961)*

António Jacinto  
 (Angola)

Naquela roca grande não tem chuva  
 é o suor do meu rosto que rega as plantações;

Naquela roca grande tem café maduro  
 e aquele vermelho-cereja  
 são gotas do meu sangue feitas seiva.

O café vai ser torrado  
 pisado, torturado,  
 vai ficar negro, negro da cor do  
 contratado.

Negro da cor do contratado!

Perguntem as aves que cantam,  
 aos regatos de alegre serpentear  
 e ao vento forte do sertão:

Quem se levanta cedo? quem vai a tonga?

Quem traz pela estrada longa  
a tipoia ou o cacho de dendém?  
Quem capina e em paga recebe desdem  
fuba podre, peixe podre,  
panos ruins, cinquenta angolares  
“porrada se refilares”?

Quem?

Quem faz o milho crescer  
e os laranjais florescer  
- Quem?

Quem dá dinheiro para o patrão comprar  
maquinas, carros, senhoras  
e cabeças de pretos para os motores?

Quem faz o branco prosperar,  
ter barriga grande - ter dinheiro?  
- Quem?

E as aves que cantam,  
os regatos de alegre serpentear  
e o vento forte do sertão  
responderão:  
- “Monangambéé...”

Ah! Deixem-me ao menos subir ás palmeiras  
Deixem-me beber maruvo, maruvo  
e esquecer diluído nas minhas bebedeiras

- “Monangambéé...”

### *Moçambicanto I*

Gulamo Khan  
(Moçambique)

“Céleres as águas  
zambeziavam pela memória  
das almadias do silêncio

nem o zumbido da cigarra  
me entontece

nem o troar do tambor  
me ensurdece

as vozes que são  
sulcos das nossas esperanças

Oh pátria  
mocambiquero-te  
neste alumbramento  
e amar-te  
devo-o à carne e ao nervo  
deglutidos em revolta.

Da enxada e do martelo  
é o verso escrito na palma  
da tua mão punho fechado  
que nas alavancas das horas  
faz refulgir o aço  
analfabetamente parido  
Cavador maldito  
pronto a decepar o tronco  
deste imbondeiro tão pária  
carcomido pelas talecuas  
sugadoras do seu sangue  
e o veneno da nhoca cuspidreira  
queimando as migalhas bélicas  
postadas de cócoras no caminho  
dos simples  
assim altivo ergues o teu nome  
num pais ainda  
de nadas e famélicos  
desbravando os crápulas bem como os  
satanhocos.

Sei da Pátria  
o nome erguido  
a estrela tatuada  
no corpo do Indico

uma timbila  
canção guerreira”

### *Presença africana*

Alda Lara  
(Angola)

E apesar de tudo,  
ainda sou a mesma!  
Livre esguia,  
filha eterna de quanta rebeldia  
me sagrou.  
Mãe-África!  
Mãe forte da floresta e do deserto,  
ainda sou,  
a Irmã-Mulher  
de tudo o que em ti vibra  
puro e incerto...

A dos coqueiros,  
de cabeleiras verdes  
e corpos arrojados  
sobre o azul...  
A do dendém  
nascendo dos abraços das palmeiras...

A do sol bom, mordendo  
o chão das Ingombotas...  
A das acácias rubras,  
salpicando de sangue as avenidas,  
longas e floridas...

Sim!, ainda sou a mesma.  
A do amor transbordando  
pelos carregadores do cais  
suados e confusos,  
pelos bairros imundos e dormentes  
(Rua 11!...Rua 11!...)  
pelos meninos  
de barriga inchada e olhos fundos...



Sem dores nem alegrias,  
de tronco nu e musculoso,  
a raça escreve a prumo,  
a força destes dias...

E eu revendo ainda, e sempre, nela,  
aquela  
longa história onconsequente...

Minha terra...  
Minha, eternamente...

Terra das acácias, dos dongos,  
dos colios baloiçando, mansamente...  
Terra!  
Ainda sou a mesma.  
Ainda sou a que num canto novo  
pura e livre,  
me levanto,  
ao aceno do teu povo!

### *Noite*

Alda Lara  
(Angola)

Noites africanas langorosas,  
esbatidas em luas...,  
perdidas em mistérios...  
Há cantos de tungurulus pelos ares!...

Noites africanas endoidadas,  
onde o barulhento frenesi das batucadas,  
põe tremores nas folhas dos cajueiros...

Noites africanas tenebrosas...,  
povoadas de fantasmas e de medos,  
povoadas das historias de feiticeiros  
que as amas-secas pretas,  
contavam aos meninos brancos...

E os meninos brancos cresceram,  
e esqueceram

as histórias...

Por isso as noites são tristes...  
endoidadas, tenebrosas langorosas,  
mas tristes...como o rosto gretado,  
e sulcado de rugas, das velhas pretas...,  
como o olhar cansado dos colonos,  
como a solidão das terras enormes  
mas desabitadas...

É que os meninos brancos...  
esqueceram as histórias,  
com que as amas-secas pretas  
os adormeciam,  
nas longas noites africanas...

Os meninos brancos...esqueceram!...

### *Prelúdio*

Alda Lara  
(Angola)

Pela estrada desce a noite...  
Mãe-Negra, desce com ela...

Nem buganvilias vermelhas,  
nem vestidinhos de folhos,  
nem brincadeiras de guisos,  
nas suas mãos apertadas.

Só duas lágrimas grossas,  
em duas faces cansadas.

Mãe-Negra tem voz de vento,  
voz de silêncio batendo  
nas folhas do cajueiro...

Tem voz de noite, descendo,  
de mansinho, pela estrada...

Que é feito desses meninos  
que gostava de embalar?...

Que é feito desses meninos  
que ela ajudou a criar?...  
Quem ouve agora as histórias  
que costumava contar?...

Mãe-Negra não sabe nada...

Mas aí de quem sabe tudo,  
como eu sei tudo  
Mãe-Negra!

Os teus meninos cresceram,  
e esqueceram as histórias  
que costumavas contar...

Muitos partiram p'ra longe,  
quem sabe se hão-de voltar!...

Só tu ficaste esperando,  
mãos cruzadas no regaço,  
bem quieta, bem calada.

É tua a voz deste vento,  
desta saudade descendo,  
de mansinho pela estrada...

### *“Regresso”*

Alda Lara  
(Angola)

Quando eu voltar,  
que se alongue sobre o mar,  
o meu canto ao Creador!  
Porque me deu, vida e amor,  
para voltar...

Voltar...  
Ver de novo baloiçar  
a fronde magestosa das palmeiras  
que as derradeiras horas do dia,  
circundam de magia...

Regressar...  
 Poder de novo respirar,  
 (oh!...minha terra!...)  
 aquele odor escaldante  
 que o humor vivificante  
 do teu solo encerra!  
 Embriagar  
 uma vez mais o olhar,  
 numa alegria selvagem,  
 com o tom da tua paisagem,  
 que o sol,  
 a dardejar calor,  
 transforma num inferno de cor...

Não mais o pregão das varinas,  
 nem o ar monotono, igual,  
 do casario plano...  
 Hei-de ver outra vez as casuarinas  
 a debruar o oceano...  
 Não mais o agitar fremente  
 de uma cidade em convulsão...  
 não mais esta visão,  
 nem o crepitar mordente  
 destes ruidos...  
 os meus sentidos  
 anseiam pela paz das noites tropicais  
 em que o ar parece mudo,  
 e o silêncio envolve tudo  
 Sede...Tenho sede dos crepusculos africanos,  
 todos os dias iguais, e sempre belos,  
 de tons quasi irreais...  
 Saudade...Tenho saudade  
 do horizonte sem barreiras...,  
 das calemas traiçoeiras,  
 das cheias alucinadas...  
 Saudade das batucadas  
 que eu nunca via  
 mas pressentia  
 em cada hora,  
 soando pelos longes, noites fora!...

Sim! Eu hei-de voltar,

tenho de voltar,  
 não há nada que mo impeça.  
 Com que prazer  
 hei-de esquecer  
 toda esta luta insana...  
 que em frente está a terra angolana,  
 a prometer o mundo  
 a quem regressa...

Ah! quando eu voltar...  
 Hão-de as acacias rubras,  
 a sangrar  
 numa verbena sem fim,  
 florir só para mim!...  
 E o sol esplendoroso e quente,  
 o sol ardente,  
 há-de gritar na apoteose do poente,  
 o meu prazer sem lei...  
 A minha alegria enorme de poder  
 enfim dizer:  
 Voltei!...

### “Rumo”

Alda Lara  
 (Angola)

É tempo companheiro!  
 Caminhemos...  
 Longe, a Terra chama por nós,  
 e ninguém resiste á voz  
 da Terra...

Nela,  
 o mesmo sol ardente nos queimou  
 a mesma lua triste nos acariciou,  
 e se tu és negro,  
 e eu sou branca,  
 a mesma Terra nos gerou!

Vamos companheiro!  
 É tempo...  
 Que o meu coração

se abra á mágoa das tuas máguas  
 e em prazer dos teus prazeres  
 irmão:  
 que as minhas mãos brancas  
 se estendam  
 para estreitar com amor  
 as tuas longas mãos negras...  
 E o meu suor,  
 quando rasgarmos os trilhos  
 de um mundo melhor.

Vamos!  
 que outro aceno nos inflama...  
 Ouves?  
 É a Terra que nos chama...

E é tempo companheiro!  
 Caminhemos...

### Canção da angonia

Gouvea Lemos  
 (Portugal/Moçambique)

Visto a camisa lavada  
 e vou para o contrato.  
 Quem de nós,  
 quem de nós irá voltar?  
 Vinte e quatro luas,  
 sem ver as mulheres,  
 sem ver a minha terra,  
 sem ver o meu boi.  
 Quem de nós,  
 Quem de nós irá morrer?  
 Visto a camisa lavada  
 e vou para o contrato,  
 trabalhar lá longe.  
 Vou para além da montanha,  
 para lá do mato,  
 onde some o rio.  
 Quem de nós,  
 Quem de nós irá voltar?  
 Quem de nós,

Quem de nós irá morrer?  
 Veste a camisa lavada,  
 e hora de ir ao contrato.  
 Entra, irmão, no vagão,  
 vamos andar noite e dia.

Quem de nós.  
 Quem de nós irá voltar?  
 Quem de nós,  
 Quem de nós irá morrer?

Quem de nós,  
 Quem de nós irá voltar  
 e ver as mulheres,  
 e ver nossas terras  
 e ver nossos bois?

Quem de nós irá morrer?  
 Quem de nós?  
 Quem de nós?

### *Serviçais*

(Poetas de S. Tomé e Príncipe, 1963)

Maria Manuela Margarido  
 (São Tomé e Príncipe)

O aroma dos mamoeiros  
 desde a grotta.  
 Os moleques sonham cazumbis  
 nas lajes do secador.  
 Lenta, a narrativa  
 dos serviçais sentados  
 no limiar da esperança  
 é palanca negra a derrubar  
 paliçadas e fronteiras,  
 palanca a devorar a distância,  
 a regressar a Angola,  
 aos muxitos do Sul;  
 é chuva grossa  
 empapando os campos de Cabo Verde  
 a germinar o milho da certeza.

Trazem na pele tatuada  
 a hierarquia das relíquias  
 alimentando-se de um sangue

desprezado  
 que elege os magistrados  
 da morte.  
 Amanhã os clamores da resta  
 acordarão as longas avenidas  
 de braços viris  
 e a terra do Sul  
 será de novo funda e fresca  
 e será de novo sabe  
 a terra seca de Cabo Verde,

livres enfim os homens  
 e a terra dos homens.

### *Socopé (1963)*

Maria Manuela Margarido  
 (São Tomé e Príncipe)

Os verdes longos da minha ilha  
 são agora a sombra do ocã,  
 névoa da vida,  
 nos dorsos dobrados sob a carga  
 (copra, café ou cacau - tanto faz).  
 Ouço os passos no ritmo  
 calculado do socopé,  
 os pés-raizes-da-terra  
 enquanto a voz do coro  
 insiste na sua queixa  
 (queixa ou protesto - tanto faz).  
 Monótona se arrasta  
 até explodir  
 na alta ânsia de liberdade.

### *Vós que ocupais a nossa terra*

(Poetas de S. Tomé e Príncipe, 1963)

Maria Manuela Margarido  
 (São Tomé e Príncipe)

É preciso não perder  
 de vista as crianças que brincam:  
 a cobra preta passeia fardada

à porta das nossas casas.  
 Derrubam as árvores fruta-pão  
 para que passemos fome  
 e vigiam as estradas  
 receando a fuga do cacau.  
 A tragédia já a conhecemos:  
 a cubata incendiada,  
 o telhado de andala flamejando  
 e o cheiro do fumo misturando-se  
 ao cheiro do andu  
 e ao cheiro da morte.  
 Nós nos conhecemos e sabemos,  
 tomamos chá do gabão,  
 arrancamos a casca do cajueiro.  
 E vós, apenas desbotadas  
 máscaras do homem,  
 apenas esvaziados fantasmas do homem?  
 Vós que ocupais a nossa terra?

### *Caminho longe*

(12 poemas de circunstância, 1965)

Gabriel Mariano  
 (Cabo Verde)

Caminho  
 caminho longe  
 ladeira de São Tomé  
 Não devia ter sangue  
 Não devia, mas tem.

Parados os olhos se esfumam  
 no fumo da chaminé.  
 Devia sorrir de outro modo  
 o Cristo que vai de pé.

E as bocas reservam fechadas  
 a dor para mais além  
 Antigas vozes pressagas  
 no mastro que vai e vem.

Caminho  
 caminho longe

ladeira de São Tomé  
Devia ser de regresso  
devia ser e não é.

### *História*

Orlando Mendes  
(Moçambique)

Diz a História que descendo  
De celtas, mouros e visigodos.  
Descendo e deles herdei todos  
Os caracteres fundamentais  
E talvez herdasse alguns mais  
Da mestiçagem de outras raças  
Que fizeram guerras, combatendo  
Conquistaram e perderam praças.  
Diz a História e não tenho  
Do contrario uma prova séria  
Em testamento que a revele.  
E admito pois que o tamanho,  
O rosto, o sangue, a cor da pele,  
A fria razão e o instinto,  
Adquiri em séculos de Ibéria  
Para ser o que penso e sinto  
O que mostro e o que oculto,  
Excitável carne e uma voz  
Memória de um país adulto  
Que se não cala por não trair-me  
No idioma de meus avós,  
Para ser a mão direita firme  
Que enche de palavras o papel,  
Perpétuo aprendiz que sou eu  
De velho ofício sem licença.  
Admito. E as datas festejo  
E retomo lutas que não venço  
E amo nas horas do desejo  
Com o mesmo requinte que deu  
Origem de mim à Criação  
E bebo o vinho e como o pão  
Da minha sede e da minha fome.  
Admito. E por isso, deponho.  
Contudo, nada herdei que dome

A grandeza nova que transmito,  
Não apenas sede, fome e sonho  
De vinho, de pão ou de infinito,  
Desejo, posse e fecundidade  
Coragem forjada no segredo  
Medo que se chore ou se brade  
Guerra de amigo ou de inimigo,  
Não propriamente o enredo  
Mas esta seiva elementar  
De África nos versos que digo  
E os homens a saibam cantar.

### *De asas sob a terra*

José Luís Mendonça  
(Angola)

Ergue-te cidade  
malar vigília  
de pássaros  
estrangulados

cheiras a crepúsculos e  
água, cidade  
onde o vinho abre o sexo  
ao gume dos astros

ó tambor de sangue  
espuma de um  
tempo e metal à proa

que mãos  
te alijam o som  
de asa sob a terra.

### *África (1972)*

David Mestre  
(Portugal/Angola)

É neste silêncio neste assalto do vento a  
navegar a floresta neste sol neste amor  
neste vegetal cobrir-me de verde e ser  
catana cerce a executar o ânimo

afagar as mulheres no regresso da lavra  
fazer das mãos a festa sonora do sexo  
na cultura do milho

É neste grito rente ao corpo frágil das  
folhas que mais em ti me venço e  
moro nas grandes batalhas da vida  
no extenso vale das nossas angústias  
no duelo cíclico das nossas intenções

### *Espera (Crónica do ghetto, 1973)*

David Mestre  
(Portugal/Angola)

Existo acento de palavra, carapinha  
recordação áspera de monandengue,  
mapa de conversas na visita da lua,  
grávida luena sentada no verso da fome.

aqui esqueço África, permaneço  
rente ao tiroteio dialecto das mulheres  
negras, pasmadas na superfície do medo  
que bate oblíquo no quimbo quebrado.

num gabinete da Europa, dois geógrafos  
vão assinalar a estranha posição  
dum poeta cruzado na esperança morosa  
das palavras africanas aguardarem acento.

### *O sol nasce a oriente (de um quadro de Malangatana)*

David Mestre  
(Portugal/Angola)

Povo, de ti canto o movimento  
teu nome, canção feita de fronteiras  
lua nova, javite ou lança  
tua hora, quissange em trança

Do longo longe do tempo  
arde minha flecha, meu lamento  
minha bandeira de outro vento

aurora urdida nos lábios de Zumbi

De ti guardo o gesto  
as conversas leves das árvores  
a fala sabia das aves  
o dialecto novo do silêncio  
e as pedras, as palavras do medo  
os olhos falantes da mata  
quando a onça posta a sua arte  
nos fita, guardada em sua mágoa.

De ti amo a denuncia felina  
das tuas mãos quebradas ao presente  
a dança prometida do sol  
nascer um dia a Oriente

*Antigamente era (1951)*

Agostinho Neto  
(Angola)

Antigamente era o eu-proscrito  
Antigamente era a pele escura-noite do mundo  
Antigamente era o canto rindo lamentos  
Antigamente era o espírito simples e bom

Outrora tudo era tristeza  
Antigamente era tudo sonho de criança

A pele o espírito o canto o choro  
eram como a papaia refrescante  
para aquele viajante  
cujo nome vem nos livros para meninos

Mas dei um passo  
ergui os olhos e soltei um grito  
que foi ecoar nas mais distantes terras do mundo

Harlem  
    Pekim  
        Barcelona  
            Paris  
Nas florestas escondidas do Novo Mundo

E a pele  
    o espírito  
        o canto  
            o choro  
brilham como gumes prateados

Crescem  
    belos e irresistíveis  
como o mais belo sol do mais belo dia da Vida.

Com os olhos secos  
Agostinho Neto (Angola, 1922-1979)  
Com os olhos secos  
- estrelas de brilho inevitável  
atravós do corpo atravós do espírito  
sobre os corpos inanimados dos mortos  
sobre a solidão das vontades inertes  
nós voltamos

Nós estamos regressando África  
e todo o mundo estará presente  
no super-batuque festivo  
sob as sombras do Maiombe  
no carnaval grandioso  
pelo Bailundo pela Lunda

Com os olhos secos  
contra este medo da nossa África  
que herdámos dos massacres e mentiras

Nós voltamos África  
estrelas de brilho irresistível  
com a palavra escrita nos olhos secos  
- LIBERDADE.

*Confiança*

Agostinho Neto  
(Angola)

O oceano separou-me de mim  
enquanto me fui esquecendo nos séculos

e eis-me presente  
reunindo em mim o espaço  
condensando o tempo

Na minha história  
existe o paradoxo do homem disperso

Enquanto o sorriso brilhava  
no canto de dor  
e as mãos construíam mundos maravilhosos

John foi linchado  
o irmão chicoteado nas costas nuas  
a mulher amordaçada  
e o filho continuou ignorante

E do drama intenso  
duma vida imensa e útil  
resultou certeza

As minhas mãos colocaram pedras  
nos alicerces do mundo  
mereço o meu pedaço de pão.

*Lá no horizonte (Poemas, 1961)*

Agostinho Neto  
(Angola)

Lá no horizonte  
o fogo  
e as silhuetas escuras dos imbondeiros  
de braços erguidos  
No ar o cheiro verde das palmeiras queimadas

Poesia africana

Na estrada  
a fila de carregadores bailundos  
gemendo sob o peso da crueira  
No quarto  
a mulatinha dos olhos meigos  
retocando o rosto com rouge e pó de arroz

A mulher debaixo dos panos fartos remexe as  
ancas  
Na cama  
o homem insone pensando  
em comprar garfos e facas para comer à mesa

No céu o reflexo  
do fogo  
e as silhuetas dos negros batucando  
de braços erguidos  
No ar a melodia quente das marimbas

Poesia africana

E na estrada os carregadores  
no quarto a mulatinha  
na cama o homem insone

Os braseiros consumindo  
consumindo  
a terra quente dos horizontes em fogo.

### *O choro de África (Poemas, 1961)*

Agostinho Neto  
(Angola)

O choro durante séculos  
nos seus olhos traidores pela servidão dos  
homens  
no desejo alimentado entre ambições de lufadas  
românticas  
nos batuques choro de África  
nos sorrisos choro de África  
nos sarcasmos no trabalho choro de África

Sempre o choro mesmo na vossa alegria imortal  
meu irmão Nguxi e amigo Mussunda  
no circulo das violências  
mesmo na magia poderosa da terra

e da vida jorrante das fontes e de toda a parte e  
de todas as almas  
e das hemorragias dos ritmos das feridas de  
África

e mesmo na morte do sangue ao contacto com o  
chão  
mesmo no florir aromatizado da floresta  
mesmo na folha  
no fruto  
na agilidade da zebra  
na secura do deserto  
na harmonia das correntes ou no sossego dos  
lagos  
mesmo na beleza do trabalho construtivo dos  
homens

o choro de séculos  
inventado na servidão  
em histórias de dramas negros almas brancas  
preguiças  
e espíritos infantis de África  
as mentiras choros verdadeiros nas suas bocas

o choro de séculos  
onde a verdade violentada se estiola no circulo  
de ferro  
da desonesta força  
sacrificadora dos corpos cadaverizados  
inimiga da vida

fechada em estreitos cérebros de máquinas de  
contar  
na violência  
na violência  
na violência

O choro de África é um sintoma

Nós temos em nossas mãos outras vidas e  
alegrias

desmentidas nos lamentos falsos de suas bocas  
- por nós!  
E amor  
e os olhos secos.

### *Quintandeira (Sagrada esperança)*

Agostinho Neto  
(Angola)

A quitanda.  
Muito sol  
e a quintandeira à sombra  
da mulemba.

- Laranja, minha senhora,  
laranjinha boa!

A luz brinca na cidade  
o seu quente jogo  
de claros e escuros  
e a vida brinca  
em corações aflitos  
o jogo da cabra-cega.

A quitandeira  
que vende fruta  
vende-se.

- Minha senhora  
laranja, laranjinha boa!

Compra laranjas doces  
compra-me também o amargo  
desta tortura  
da vida sem vida.

Compra-me a infância do espírito  
este botão de rosa  
que não abriu  
princípio impelido ainda para um início.

Laranja, minha senhora!



Esgotaram-se os sorrisos  
com que chorava  
eu já não choro.

E aí vão as minhas esperanças  
como foi o sangue dos meus filhos  
amassado no pó das estradas  
enterrado nas roças  
e o meu suor  
embebido nos fios de algodão  
que me cobrem.

Como o esforço foi oferecido  
à segurança das máquinas  
à beleza das ruas asfaltadas  
de prédios de vários andares  
à comodidade de senhores ricos  
à alegria dispersa por cidades  
e eu  
me fui confundindo  
com os próprios problemas da existência.

Aí vão as laranjas  
como eu me ofereci ao álcool  
para me anestesiar  
e me entreguei às religiões  
para me insensibilizar  
e me atordei para viver.

Tudo tenho dado.

Até mesmo a minha dor  
e a poesia dos meus seios nus  
entreguei-os aos poetas.

Agora vendo-me eu própria.  
- Compra laranjas  
minha senhora!  
Leva-me para as quitandas da vida  
o meu preço é único:  
- sangue.

Talvez vendendo-me  
eu me possua.

-Compra laranjas!

*Voz do sangue*  
(A renúncia impossível)

Agostinho Neto  
(Angola)

Palpitam-me  
os sons do batuque  
e os ritmos melancólicos do blue

Ó negro esfarrapado do Harlem  
ó dançarino de Chicago  
ó negro servidor do South

Ó negro de África

negros de todo o mundo

eu junto ao vosso canto  
a minha pobre voz  
os meus humildes ritmos.

Eu vos acompanho  
pelas emaranhadas áfricas  
do nosso Rumo

Eu vos sinto  
negros de todo o mundo  
eu vivo a vossa Dor  
meus irmãos.

*Contratados* (Sagrada esperança)

Agostinho Neto  
(Angola)

Longa fila de carregadores  
domina a estrada  
com os passos rápidos

Sobre o dorso  
levam pesadas cargas

Vão  
olhares longínquos  
corações medrosos  
braços fortes  
sorrisos profundos como águas profundas

Largos meses os separam dos seus  
e vão cheios de saudades  
e de receio  
mas cantam

Fatigados  
esgotados de trabalhos  
mas cantam

Cheios de injustiças  
calados no imo das suas almas  
e cantam

Com gritos de protesto  
mergulhados nas lágrimas do coração  
e cantam

Lá vão  
perdem-se na distância  
na distância se perdem os seus cantos tristes

Ah!  
eles cantam...

*Aspiração (Sagrada esperança)*

Agostinho Neto  
(Angola)

Ainda o meu canto dolente  
e a minha tristeza  
no Congo, na Geórgia, no Amazonas

Ainda  
o meu sonho de batuque em noites de luar

ainda os meus braços  
ainda os meus olhos  
ainda os meus gritos

Ainda o dorso vergastado  
o coração abandonado  
a alma entregue à fé  
ainda a dúvida

E sobre os meus cantos  
os meus sonhos  
os meus olhos  
os meus gritos  
sobre o meu mundo isolado  
o tempo parado

Ainda o meu espírito  
ainda o quissange  
a marimba  
a viola  
o saxofone  
ainda os meus ritmos de ritual orgíaco

Ainda a minha vida  
oferecida à Vida  
ainda o meu desejo

Ainda o meu sonho  
o meu grito  
o meu braço  
a sustentar o meu Querer

E nas sanzalas  
nas casas  
no subúrbios das cidades  
para lá das linhas  
nos recantos escuros das casas ricas  
onde os negros murmuram: ainda

O meu desejo  
transformado em força  
inspirando as consciências desesperadas.

*Consciencialização  
(Sagrada esperança)*

Agostinho Neto  
(Angola)

Medo no ar!

Em cada esquina  
sentinelas vigilantes incendeiam olhares  
em cada casa  
se substituem apressadamente os fechos velhos  
das portas  
e em cada consciência  
fervilha o temor de se ouvir a si mesma

A historia está a ser contada  
de novo

Medo no ar!

Acontece que eu  
homem humilde  
ainda mais humilde na pele negra  
me regresso África  
para mim  
com os olhos secos.

*Civilização ocidental  
(Sagrada esperança)*

Agostinho Neto  
(Angola)

Latas pregadas em paus  
fixados na terra  
fazem a casa

Os farrapos completam  
a paisagem íntima

O sol atravessando as frestas  
acorda o seu habitante

Depois as doze horas de trabalho  
Escravo

Britar pedra  
acarretar pedra  
britar pedra  
acarretar pedra  
ao sol  
à chuva  
britar pedra  
acarretar pedra

A velhice vem cedo

Uma esteira nas noites escuras  
basta para ele morrer  
grato  
e de fome.

*Adeus à hora da largada  
(Sagrada esperança)*

Agostinho Neto  
(Angola)

Minha Mãe  
(todas as mães negras)

cujos filhos partiram)  
tu me ensinaste a esperar  
como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida  
matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero  
sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe  
a esperança somos nós  
os teus filhos  
partidos para uma fé que alimenta a vida

Hoje  
somos as crianças nuas das sanzalas do mato  
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos  
nos areais ao meio-dia  
somos nós mesmos  
os contratados a queimar vidas nos cafezais  
os homens negros ignorantes  
que devem respeitar o homem branco  
e temer o rico  
somos os teus filhos  
dos bairros de pretos  
além aonde não chega a luz elétrica  
os homens bêbedos a cair  
abandonados ao ritmo dum batuque de morte  
teus filhos  
com fome  
com sede  
com vergonha de te chamarmos Mãe  
com medo de atravessar as ruas  
com medo dos homens  
nós mesmos

Amanhã  
entoaremos hinos à liberdade  
quando comemormos  
a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz  
os teus filhos Mãe  
(todas as mães negras  
cujos filhos partiram)  
Vão em busca de vida.

### *Poema à Mãe Angolana*

Eugenia Neto  
(Portugal/Angola)

Avança Mãe Angolana  
E dá o melhor de ti própria  
Nesta luta de vida ou de morte  
Avança pelos rios perigosos  
Pelos pantanos lodosos  
Pela savanas sem fim

Avança pelo incomensurável horror da guerra  
Entre a chuva de bombas que ilumina a terra  
Mas avança porque é necessário

Avança com teus braços feitos asas  
Abertas sobre o solo pátrio  
Para proteger os teus filhos

Não te detenhas nos gemidos do vento  
Não prendas à forma das flores  
Sublima o amor neste momento

Avança Mãe Angolana  
Que a tua coragem fará vacilar os soldados  
Os soldados que já foram meninos  
Os soldados  
A que o fascismo tolheu a vontade  
E que caminham sobre os cadáveres das  
crianças  
Com risos sarcásticos de vingança...

Avança Mãe Angolana  
Na terra ensopada de sangue  
Dor e lágrimas  
Causadas pela guerra

Que ela florescera  
Sustentada pelo teu querer  
E terás para os teus filhos  
O sol aberto nas pétalas  
E a serenidade dos heróis  
Depois de ganha a batalha.

### *Angolano*

Neves e Sousa  
(Angola)

Ser angolano é meu fado, é meu castigo  
Branco eu sou e pois já não consigo  
mudar jamais de cor ou condição...  
Mas, será que tem cor o coração?

Ser africano não é questão de cor  
é sentimento, vocação, talvez amor.  
Não é questão nem mesmo de bandeiras  
de língua, de costumes ou maneiras...

A questão é de dentro, é sentimento  
e nas pareências de outras terras  
longe das disputas e das guerras  
encontro na distância esquecimento!

### *Limites dos Sete Cantos da Cidade de S. Filipe de Benguela*

Neves e Sousa  
(Angola)

Recriei-te em saudade e cor  
Quando me afastei de ti  
E os limites que te fiz  
São dentro do meu sentir.

Por cima a cor neutra e desdobrada  
Dum céu de cinzas de passado.

O Sombreiro como um marco

marco um lado.

As curvas nuas e douradas  
de montes femininos  
Nus até à cintura verde  
Verde dos longos canaviais  
Anunciam o limite de Benguela.

Na areia a longa e estreita ferida  
Do Cavaco  
Escorrendo o sangue de água  
Que abre em bananais sombrios  
Caminhos às fábulas de antanho

Marca outra fronteira da Cidade.

Para outro lado estende-se o sertão  
Palmeiras espetadas pelo mato  
Como flechas da aljava  
do Soba Caparandanda  
Sombreiam a curva dos caminhos  
Perdidos na imensidão...

Por outro limite tem Benguela  
Saudade no meu coração  
E pela frente aberto e vasto  
Tem este mar ardente de oiro e poentes  
Este mar imenso que sorri ao longe.

Este mar imenso que também chora  
E conta histórias de espumas e naufrágios,

Mar que também banha os seios jovens  
Das moças que embalam sonhos  
Nas sombras azuis dos quintalões

Altas paredes de adobe  
Cheias de sonhos e histórias

Que viram as longas caravanas da borracha  
E passos perdidos pelos caminhos sem glórias

Molhadas de lágrimas,  
Salobras lágrimas  
De anseios há muito mortos...  
Mais amargos do que o mar  
O mar salgado que chora  
Cantos de não mais voltar...

Lábios de mar, feitos de espuma, beijando o  
céu...

Sons dos sinos da Senhora do Pópulo  
(Que sabem tudo e que viram tudo,  
e nunca contam nada...)  
Aconchegam os amantes que se beijam  
nos velhos bancos verdes do jardim...

Sob as árvores antigas  
Que o vento sul esporeia  
Como uma zebra azul  
Feita de nuvens e céu.

Coração quente e generoso de Benguela  
Bairros do Benfica, Cassôco,  
Águas da Cacimba da Rua Nove  
Repouso claro e lento  
De luas nascidas longe  
Na noite semeada de astros  
Como olhos de Cazumbis,...

Na noite enorme e feiticeira da cidade

Bruxuleante do bruxedo de fogueiras  
Feitas de amores velhos, carcomidos,  
Adormecidos, nas velhas casas  
compridas.

E de fogueiras de verdade que acalentam  
Ritmos de guardas da noite  
tocados em quissanges melódiosos  
Subtis como a própria alma da brisa  
Que arranca da terra o sangue vivo  
Duma pena antiga que se perde...

Noite semeada de batuques  
Batuques que me parecem

O palpitar dum coração imenso  
Que se esvai nas noites desdobradas  
Num rosário de auroras sucessivas.

Minha Benguela nocturna e antiga  
Das amplas ruas cheirando a mar  
Colmeia de lembranças que me ferem  
Perante a dura realidade do progresso...

Volta:

Volta para os sete limites deste sonho  
Sob a grande tristeza vegetal das frondes  
Cheias de mistérios ancestrais  
Do meu passado que não volta mais...

*Quando a manhã vier*

Jofre Rocha  
(Angola)

Quando a manhã vier  
com um sol maduro  
ofertando beijos  
aos órfãos da ternura  
quando a manhã vier  
em apoteose de luz  
a semear no vento  
risos de alegria

quando a manhã vier  
definitivamente  
em alvorecer roseo  
de paz e tranquilidade

de mãos nas mãos  
saberemos chegado o nosso dia.

*Museu (A onda, 1973)*

Manuel Rui  
(Angola)

De meus antepassados não recordo  
mas invento em cada pedra colocada  
em praças por seus braços noutros braços  
onde pombas poisam e turistas fazem  
souvenirs de sol e manuelinos

E pátrias não conheço

Assisto aos exercícios outonais  
da morte sem idade do cremar  
olhos na distância por noivas adiadas  
e mãos correndo terços de velhas esperando  
a morte simplesmente

E deuses não conheço

Não fui navegador  
embora me quisessem em vários continentes  
em que sempre estive e disse nunca  
para que naufragasse minha história com o peso  
das grilhetas amarrado aos oceanos

E epitáfios não conheço

O que ergueram meus braços  
não está em África  
a minha música  
não está em África  
a minha estatuária  
não está em África  
idem para o meu marfim  
as minhas lanças  
os meus diamantes  
o meu ouro  
idem  
idem

*Rapariga*

(Sabores, Odores & Sonho, 1985)

Ana de Santana  
(Angola)

Cresce comigo o boi com que me vão trocar  
Amarraram-me já ás costas, a tábua Eylekessa

Filha de Tembo  
organizo o milho

Trago nas pernas as pulseiras pesadas  
Dos dias que passaram...  
Sou do clã do boi -

Dos meus ancestrais ficou-me a paciência  
O sono profundo do deserto  
a falta de limite...

Da mistura do boi e da árvore  
a efervescência  
o desejo  
a intranquilidade  
a proximidade  
do mar

Filha de Huco  
Com a sua primeira esposa  
Uma vaca sagrada  
concedeu-me  
o favor das suas tetas úberes.

*Os Monangambas*

Arnaldo Santos  
(Angola)

Roonca-os o camião  
no jingololo da rua  
Eles vão negros  
e levam o sol no peito

Monanbambééé...! Monangambééé...!

Passam esquinas de cimento  
passam largas avenidas  
E ferem-se berros e silvos  
Golpeia neles o vento

Monangambééé...! Monangambééé...!

Levam nos rostos firmeza  
jimbamba de sonho e terra  
Vão de frente para os gritos  
Vão-lhes sentindo a dureza

Monangambééé...! Monangambééé...!

Deixam rastos nas estradas  
(já é horizonte o seu manto)  
pistas reencontradas  
e punhos cerrados de espanto

Monangambééé...! Monangambééé...!

Passam os que servem a vida  
com a força do seu suor  
Ficam nas ruas os desígnios  
que dos seus passos nasceram

Monangambééé...! Monangambééé...!

*Regresso*

Arnaldo Santos  
(Angola)

Bandeiras sem cores  
Tremulam ao vento...

Passa o camião  
onde vozes cantam,  
São homens que voltam.

E o sonoro canto

vai longe...longe,  
às cubatas sós  
onde mães esperam.

Bandeiras desejos  
Tremulam ao vento...

E as vozes deixam  
na esteira dura  
com o pó da estrada  
cantos de renúncia.

E tremulando sempre  
Bandeiras sem cores  
Agitam desejos.

Nas sanzalas  
Nascem vagidos novos!

### *Sonho de mãe negra*

Kalungano  
(Moçambique)

Mãe negra  
Embala o seu filho  
E na sua cabeça negra  
Coberta de cabelos negros  
Ela guarda sonhos maravilhosos

Mãe negra  
Embala o seu filho  
E esquece  
Que o milho já a terra secou  
Que o amendoim ontem acabou

Ela sonha mundos maravilhosos  
Onde o seu filho iria á escola  
Á escola onde estudam os homens

Mãe negra  
Embala o seu filho  
E esquece

Os seus irmãos construindo vilas e cidades  
Cimentando-as com o seu sangue

Ela sonha mundos maravilhosos  
Onde o seu filho correria na estrada  
Na estrada onde passam os homens

Mãe negra  
Embala o seu filho  
E escutando  
A voz que vem de longe  
Trazida pelos ventos  
Ela sonha mundos maravilhosos  
Mundos maravilhosos  
Onde o seu filho poderá viver.

### *A pátria dividida (A pátria dividida, 1993)*

*ao Rui Knopfli e ao Eugénio Lisboa*

Nelson Saúte  
(Moçambique)

Os mortos tombam no poema.  
Nada os ampara. Nem a luz  
acanhada do candeeiro  
quando escrevo na obscuridade  
ao pulsar da mão emboscada  
na metáfora que me conduz.

Na incerta madrugada  
diviso os rostos mutilados  
que vigiam os meus gestos  
e narram sonhos degolados.

O algoz estilhaçou o coração  
frágil da criança aos gritos  
nas imagens do apocalipse na televisão.

Na ignomínia noticiada pelos jornais  
esta consentida memória dos mortos  
para sempre insepultos  
porque não existe vala comum

para os gritos da mulher  
rasgada à baioneta  
numa manhã inocente.

Não se enterram os sonhos  
dos mutilados em perfil  
no chão ultrajado  
desta pátria dividida.”

### *Cantos do meu país (Um novo amanhecer, 1996)*

Julião Soares Sousa  
(Guiné-Bissau)

Canto as mãos que foram escravas  
nas galés  
corpos acorrentados a chicote  
nas américas

Canto cantos tristes  
do meu País  
cansado de esperar  
a chuva que tarde a chegar

Canto a Pátria moribunda  
que abandonou a luta  
calou seus gritos  
mas não domou suas esperanças

Canto as horas amargas  
de silêncio profundo  
cantos que vêm da raiz  
de outro mundo  
estes grilhões que ainda detêm  
a marcha do meu País

### *Coração em África (1967)*

Francisco José Tenreiro  
(São Tomé)

Caminhos trilhados na Europa



de coração em África  
 Saudades longas de palmeiras vermelhas verdes  
 amarelas  
 tons fortes da paleta cubista  
 que o SI sensual pintou na paisagem;  
 saudade sentida de coração em África  
 ao atravessar estes campos de trigo sem bocas  
 das ruas sem alegrias com casas cariadas  
 pela metralha míope da Europa e da América  
 da Europa trilhada por mim Negro de coração  
 em África.  
 De coração em África na simples leitura  
 dominical  
 dos periódicos cantando na voz ainda escaldante  
 da tinta  
 e com as dedadas de miséria dos ardinhas das  
 cities boulevards e baixas da Europa  
 trilhada por mim Negro e por ti ardina  
 cantando dizia eu em sua voz de letras as  
 melancolias do orçamento que não equilibra  
 do Benfica venceu o Sporting ou não.  
 Ou antes ou talvez seja que desta vez vai haver  
 guerra  
 para que nasçam flores roxas de paz  
 com fitas de veludo e caixões de pinho:  
 Oh as longas páginas do jornal do mundo  
 são folhas enegrecidas de macabro blue  
 com mourarias de facas e guernicas de  
 toureiros.  
 Em três linhas (sentidas saudades de África) -  
 Mac Gee cidadão da América e da democracia  
 Mac Gee cidadão negro e da negritude  
 Mac Gee cidadão Negro da América e do Mundo  
 Negro  
 Mac Gee fulminado pelo coração endurecido  
 feito cadeira eléctrica  
 (do cadáver queimado de Mac Gee do seu  
 coração em África e sempre vivo  
 floriram flores vermelhas flores vermelhas flores  
 vermelhas  
 e também azuis e também verdes e também  
 amarelas

na gama policroma da verdade do Negro da  
 inocência de Mac Gee) -  
 três linhas no jornal como um falso cartão de  
 pêsames.  
 Caminhos trilhados na Europa de coração em  
 África.  
 De coração em África com o grito seiva bruta dos  
 poemas de Guillen  
 de coração em África com a impetuosidade viril  
 de I too am America  
 de coração em África com as árvores renascidas  
 em todas estações nos belos poemas de Diop  
 de coração em África nos rios antigos que o  
 Negro conheceu e no mistério do Chaka-  
 Senghor  
 de coração em África contigo amigo Joaquim  
 quando em versos incendiários  
 cantaste a África distante do Congo da minha  
 saudade do Congo de coração em África,  
 de coração em África ao meio dia do dia de  
 coração em África  
 com o Sol sentado nas delicias do zénite  
 reduzindo a pontos as sombras dos Negros  
 amodorrando no próprio calor da reverberação  
 os mosquitos da nocturna picadela.  
 De coração em África em noites de vigília  
 escutando o olho mágico do rádio  
 e a rouquidão sentimento das inarmonias de  
 Armstrong.  
 De coração em África em todas as poesias  
 gregárias ou escolares que zombam  
 e zumbem sob as folhas de couve da indiferença  
 mas que tem a beleza das rodas de crianças  
 com papagaios garridos  
 e jogos de galinha branca vai até França  
 que cantam as volutas dos seios e das coxas  
 das negras e mulatas  
 de olhos rubros como carvões  
 verdes acesos.  
 De coração em África trilho estas ruas nevoentas  
 da cidade

de África no coração e um ritmo de be bop nos  
 lábios  
 enquanto que à minha volta se sussurra olha o  
 preto (que bom) olha  
 um negro (ótimo), olha um  
 mulato (tanto faz)  
 olha um moreno  
 (ridículo)  
 e procuro no horizonte cerrado da beira-mar  
 cheiro de maresias distantes e areias distantes  
 com silhuetas de coqueiros conversando  
 baixinho a brisa da tarde.  
 De coração em África na mão deste Negro  
 enrodilhado e sujo de beira-cais  
 vendendo cautelas com a incisão do caminho da  
 cubata perdida na carapinha alvinitente;  
 de coração em África com as mãos e os pés  
 trambolhos disformes  
 e deformados como os quadros de Portinari dos  
 estivadores do mar  
 e dos meninos ranhosos viciados pelas olheiras  
 fundas das fomes de Pomar  
 vou cogitando na pretidão do mundo que  
 ultrapassa a própria cor da pele  
 dos homens brancos amarelos negros ou as  
 riscas  
 e o coração entristece a beira-mar da Europa  
 da Europa por mim trilhada de coração em África  
 e chora fino na arritmia de um relógio cuja corda  
 vai estalar  
 soluça a indignação que fez os homens escravos  
 dos homens  
 mulheres escravas de homens crianças escravas  
 de homens negros escravos dos homens  
 e também aqueles de que ninguém fala e eu  
 Negro não esqueço  
 como os pueblos e os xavantes os esquimós os  
 ainos eu sei lá  
 que são tantos e todos escravos entre si.  
 Chora coração meu estala coração meu  
 entenece-te meu coração  
 de uma só vez (oh órgão feminino do homem)

de uma só vez para que possa pensar contigo  
em África  
na esperança de que para o ano vem a monção  
torrencial  
que alagará os campos ressequidos pela  
amargura da metralha  
e adubados pela cal dos ossos  
de Tazslitzki  
na esperança de que o Sol há-de prenhar as  
espigas de trigo para os meninos viciados  
e levará milho às cabanas destelhadas do último  
rincão da Terra  
distribuirá o pão o vinho e o azeite pelos aliseos;  
na esperança de que as entranhas hiantes de  
um menino antipoda  
haja sempre uma tília de leite ou uma vaca de  
queijo que lhe mitigue a sede da existência.  
Deixa-me coração louco  
deixa-me acreditar no grito de esperança  
lançado pela paleta viva de Rivera  
e pelos oceanos de ciclones frescos das odes de  
Neruda;  
deixa-me acreditar que do desespero másculo  
de Picasso sairão pombas  
que como nuvens voarão os céus do mundo de  
coração em África.

### *As raízes do nosso amor*

Geraldo Bessa Victor  
(Angola)

Amo-te porque tudo em ti me fala de África,  
duma forma completa e envolvente.  
Negra, tão negramente bela e moça,  
todo o teu ser me exprime a terra nossa,  
em nós presente.

Nos teus olhos eu vejo, como em caleidoscópio,  
madrugadas e noites e poentes tropicais,  
- visão que me inebria como um ópio,  
em magia de místicos duendes,

e me torna encantado. (Perguntaram-me: onde  
vais?  
E não sei onde vou, só sei que tu me prendes...)

A tua voz é, tão perturbadoramente,  
a música dolente dos quissanges tangidos  
em noite escura e calma,  
que vibra nos meus sentidos  
e ressoa no fundo da minh'alma.

Quando me beijas sinto que provo ao mesmo  
tempo  
o gosto do caju, da manga e da goiaba,  
- sabor que vai da boca até às vísceras  
e nunca mais acaba...

O teu corpo, formoso sem disfarce,  
com teu andar dengoso, parece que se agita  
tal como se estivesse a requebrar-se  
nos ritmos da massemba e da rebita.  
E sinto que teu corpo, em lírico alvoroço,  
me desperta e me convida  
para um batuque só nosso,  
batuque da nossa vida.

Assim, onde te encontres (seja onde estiveres,  
por toda a parte onde o teu vulto fôr),  
eu te descubro e elejo entre as mulheres,  
ó minha negra belamente preta,  
ó minha irmã na cor,  
e, de braços abertos para o total amplexo,  
sem sombra de complexo,  
eu grito do mais fundo da minh'alma de poeta:  
- Meu amor! Meu amor!

### *Dia de Chuva no Mato*

Geraldo Bessa Victor  
(Angola)

Chove,

E a trovoadas  
é um batuque incessante,  
uma estranha batucada.

Os raios são setas de fogo  
que misteriosamente, em tom de guerra,  
espíritos do mal lançam da Altura  
para incendiar a Terra.

O vento  
Ora violento, ora brando,  
o vento é o cazumbi dos cazumbis  
-o deus do mar, do rio e da floresta-  
que vai cantando e dançando,  
em tragicómica festa,  
o seu coro de mil vozes,  
os seus bailados febris.

As nuvens negras são virgens tontas,  
quais almas do outro mundo,  
errando como sonambulas  
pelo céu negro e profundo...  
E a chuva, constante e forte,  
é o pranto (parece eterno)  
dos deuses negros que a Morte  
sacrificou no Inferno.

### *Lamento da Maricota*

Geraldo Bessa Victor  
(Angola)

- "Bom dia, senhor José.  
Como passou? Passou bem?"

Mas o senhor José virou a cara,  
rudemente, com desdém.

E a pobre Maricota, que passara  
mesmo ao lado,  
a Maricota ficou  
a cismar, a dizer com ar banzado:

-”Aiué, senhor José!  
Para quê fazer assim?  
Não se recorda de mim?  
Pois, então, eu vou ser franca.  
Agora tem mulher branca,  
a senhora dona Rosa,  
a sua mulher casada,  
a quem chama “minha esposa”;  
já não quer saber da preta,  
desprezada, abandonada,  
a Maricota, coitada!

Agora veste bom fato,  
estrela lindo sapato;  
não se lembra do passado,  
quando usava calça rota  
e casaco remendado,  
e sapato esburacado  
mostrando os dedos do pé...

Aiué, senhor José!

Hoje está forte e contente,  
a passear na avenida;  
não lembra que esteve doente,  
muito mal, quase morrendo,  
e lhe dei jula de dendo,  
para lhe salvar a vida,  
pois nem doutor em Luanda,  
nem quimbanda no muceque,  
ninguém o curou, ninguém,  
senão eu, pobre moleque!

Agora já cheira bem,  
com boa perfumaria,  
quer de noite quer de dia;  
não se recorda, afinal,

da catinga, do chulé,  
no tempo em que lhe dizia:  
- José, você cheira mal,  
vá tomar banho, José!

Veio agora de Lisboa,  
comprou uma casa grande,  
dorme numa cama boa;  
nós tínhamos, lá no Dande,  
a cubata de capim,  
e dormíamos no luando.

Agora tem dona Rosa,  
já não se lembra de mim!

Aiué, senhor José,  
para quê fazer assim!?...

### *Não venhas mais ao cais, Menina Negra*

Geraldo Bessa Victor  
(Angola)

Não venhas mais ao cais, menina negra.  
Que esperas tu ainda?  
Já sabes a tua sina:  
o branco que partiu não volta mais!

E tu, olhando o cais,  
menina negra linda,  
vês o teu lindo sonho que já finda...

Cantaram o feitiço do teu corpo,  
nessa noite sensual em que tiveste  
por lençol nupcial uma folha de palma;  
cantaram o feitiço do teu corpo,  
mas não sabias nem soubeste  
que o branco tem feitiço na alma.

Habituada ao balouço da canoa  
nas margens do rio Dande,  
e depois embalada pelo amor,

sonhaste viajar num enorme vapor  
que navega no mar grande  
e vai para Lisboa!

Ouve, menina negra: mato não é cidade,  
oceano não é rio, dongo não é navio  
e o sonho que sonhaste não é sonho, é  
saúde...

Não venhas mais ao cais,  
que o branco não volta mais!

### *Ode à Avó Capinha*

Geraldo Bessa Victor  
(Angola)

Minha avó Capinha, minha avó Capinha,  
hoje que morreste (que tristeza a minha!),  
relembro as histórias que tu me contavas  
em manhãs de chuva, nas noites de lua...  
(E meu ser, magoado, perde-se, flutua  
como o sonho errante das almas escravas).

Minha avó Capinha, sou eu que te peço,  
conta-me o romance, conta-me o sucesso  
dos teus dezoito anos (ai, onde eu estou!),  
quando tu dançavas belas batucadas,  
pelas noites quentes de febris queimadas,  
na velha sanzala que se incendiou...

Minha avó Capinha, minha avó Capinha,  
conta-me essa lenda daquela mocinha  
negra, tão formosa, que numa manhã  
engoliu um bago de feijão macunde  
e ficou (que mágoa no meu ser se funde!)  
para todo o sempre pequenina, anã.

Minha avó Capinha, hoje que morreste,  
manda-me notícias da mansão celeste:  
se também há ódios ou há só amor  
(a descrença enorme do teu pobre neto!),

se há um Deus que é branco e outro Deus que é preto,  
ou um Deus existe sem raça nem cor.

### *Poema para a Negra*

Geraldo Bessa Victor  
(Angola)

Deixa que os outros cantem o teu corpo  
que dizem feiticeiro e sedutor,  
e, na voluptua vã do pitoresco,  
entoem madrigais á tua dor.

Deixa que os outros cantem teus requebros  
nos passos de massamba e quilapanga,  
e teus olhos onde há noites de luar,  
e teus beijos que teem sabor de manga.

Deixa que os outros cantem os teus usos  
como aspectos formais da tua graça,  
nessa conquista facil do exotismo  
que dizem descobrir na nossa raça.

Deixa que os outros cantem o teu corpo,  
na captação atonita do viço  
e fiquem sempre, toda a vida, a olhar  
um muro de mistério e de feitiço...

Deixa que os outros cantem o teu corpo  
- que eu canto do mais fundo do teu ser,  
ó minha amada, eu canto a propria África,  
que se fez carne e alma em ti, mulher!

### *N'gola - Flor de Bronze*

Tomaz Vieira da Cruz  
(Angola)

Filha de branco que morreu na guerra  
e de uma preta linda do Libolo,  
o teu olhar até de noite encerra  
todo o luar das lendas do Catolo!

Ó flor estranha! já não tem consolo  
a tua magoa, a tua dor na terra!  
Ó flor estranha do febril Capolo  
neta dum soba que perdeu a guerra!

Estátua ardente em bronzeadas chamas  
que tentação e perdição derramas  
por sobre a história negra, quase finda!

Neta dum soba que acabou chorando,  
filha de branco que morreu lutando  
e duma preta tristemente linda!

### *Canção para Luanda*

Luandino Vieira  
(Angola)

A pergunta no ar  
no mar  
na boca de todos nós:  
- Luanda onde está?

Silêncio nas ruas  
Silêncio nas bocas  
Silêncio nos olhos

- Xé  
mana Rosa peixeira  
responde?

-Mano  
Não pode responder  
tem de vender  
correr a cidade  
se quer comer!

“Olá almoço, olá almoçoeeee  
matona calapau  
ji ferrera ji ferrereeee”

- E você  
mana Maria quintandeira

vendendo maboques  
os seios-maboque  
gritando, saltando  
os pés percorrendo  
caminhos vermelhos  
de todos os dias?  
“maboque, m'boquinha boa  
doce docinha”

- Mano  
não pode responder  
o tempo é pequeno  
para vender!

Zefa mulata  
o corpo vendido  
baton nos lábios  
os brincos de lata  
sorri  
abrindo o seu corpo  
- seu corpo cubata!  
Seu corpo vendido  
viajado  
de noite e de dia.  
- Luanda onde está?

Mana Zefa mulata  
o corpo cubata  
os brincos de lata  
vai-se deitar  
com quem lhe pagar  
- precisa comer!

- Mano dos jornais  
Luanda onde está?  
As casa antigas  
o barro vermelho  
as nossas cantigas  
tractor derrubou?

Meninos das ruas  
cacambulas

quigosas  
brincadeiras minhas e tuas  
asfalto matou?

- Manos  
Rosa peixeira  
quitandeira Maria  
você também  
Zefa mulata  
dos brincos de lata  
- Luanda onde está?

Sorrindo  
as quindas no chão  
laranjas e peixe  
maboque docinho  
a esperança nos olhos  
a certeza nas mãos  
mana Rosa peixeira  
quitandeira Maria  
Zefa mulata  
- os panos pintados  
garridos, caídos  
mostraram o coração:  
- Luanda está aqui!

